O trabalho dentro da casa ou a casa dentro do trabalho? Um estudo com Mulheres (Trabalhadoras em Domicílio e Empreendedoras) do Setor de Lingerie em Minas Gerais

The work inside the house or the house inside the work? A study with Women (Homeworkers and Entrepreneurs) from the Lingerie Sector in Minas Gerais

Marina Kraiser¹

Carolina Maria Mota-Santos²

Resumo

Este estudo tem como objetivo conhecer o trabalho de mulheres (faccionistas e empreendedoras) que vivem em um pequeno município produtor de moda íntima no Norte de Minas, buscando identificar questões relacionadas ao trabalho feminino. Para tal, foi feito um panorama teórico acerca do tema trabalho feminino, recorrendo a autores que consideram o trabalho a partir da dimensão social. A pesquisa é qualitativa, realizada por meio de estudos de casos múltiplos com dois grupos de mulheres: trabalhadoras em domicílio e empreendedoras da cadeia produtiva de moda íntima, todas no pequeno município de Taiobeiras/MG. Os resultados da pesquisa indicam que, nos dois grupos, essas mulheres são marcadas por forte identificação com o trabalho, pela manutenção de papéis tradicionais da mulher, ligados ao casamento e à maternidade, além de sentimentos de sobrecarga e culpa. Entre as empreendedoras, destacam-se características como orgulho, satisfação e autoconfiança. Entre as trabalhadoras em domicílio, verificou-se mulheres menos autônomas e dificuldade em conquistar independência financeira e emocional. Os resultados também demonstram que o trabalho passa a ser um propulsor para mudanças sociais e

¹ Mestre em Administração, Analista de Recursos Humanos do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE) Minas Gerais.

² Doutora em Administração, Docente no Programa de Pós-Graduação Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).

questionamentos acerca do lugar social da mulher em um ambiente de baixa escolaridade e economia pouco diversificada. Aos estudos sobre trabalho feminino, no campo da Administração, esta pesquisa contribui ao colocar em perspectiva discussões sobre o conflito trabalho-família. Ao jogar luz a uma experiência fora dos grandes centros e das empresas tradicionais, vê-se outra relação com a percepção do que seja o lugar social da mulher.

Palavras-chave: Trabalho domiciliar. Mulher empreendedora. Papéis sociais.

Summary

This study aims to get to know the work of factionists and entrepreneurs that live in a small underwear producing municipality in the North of Minas, seeking to identify issues related to women's work. A theoretical panorama was made on the theme of female work, using authors who consider work from the social dimension. The research is qualitative, carried out through multiple case studies with two groups of women: domestic workers and entrepreneurs of the intimate fashion production chain, all in the small municipality of Taiobeiras / MG. The results of the research indicate that, in both groups of women, their identities are marked by strong identification with work, by the maintenance of traditional roles of women, related to marriage and maternity, as well as feelings of overload and guilt. Among the entrepreneurs, stand out characteristics such as pride, satisfaction and self-confidence. Among the domestic workers, there were less autonomous identities and difficulties in achieving financial and emotional independence. The results also demonstrate that the work becomes a propeller for social changes and questions about the social place of women in an environment of low schooling and a little diversified economy. In the administration, this research contributes by putting in perspective discussions about the work-family conflict. By throwing light on an experience outside the great centers and traditional enterprises, one sees another relation with the perception of the social place of the woman.

Keywords: Homework. Entrepreneurial woman. Social roles.

Introdução

Nas últimas décadas, as mulheres têm conquistado o mercado de trabalho, sua profissionalização e independência financeira. Paulatinamente, elas estão assumindo lugares sociais considerados anteriormente como sendo estritamente masculinos, ligados à vida profissional, à esfera pública e ao poder (Oliveira, Gaio & Bonacim, 2009; Menezes, Oliveira & Diniz, 2013).

Nesta pesquisa pretendeu-se conhecer o trabalho de mulheres que vivem em um pequeno município produtor de moda íntima no Norte de Minas, buscando identificar questões relacionadas ao trabalho feminino. Além disso, verificou-se as diferenças e semelhanças entre as mulheres donas do próprio negócio, daquelas que trabalham no próprio domicílio. A escolha por estes dois grupos se deve ao fato de que a bibliografia a respeito de um e de outro trazem distinções muito marcadas localizando empreendedoras e trabalhadoras em domicílio em espectro quase opostos no que diz respeito à conquista por autonomia, autoestima, orgulho em relação ao próprio trabalho e independência emocional.

A definição dos grupos “empreendedoras e trabalhadoras em domicílio” tomou como referência a natureza de seu trabalho: além do fato de terem ou não empresa formalizada e do ambiente no qual trabalham, no caso das donas de fábrica, são responsáveis por todo o processo produtivo, desde a ideação e desenvolvimento dos produtos, até os processos de compra, divulgação e venda. Já as faccionistas, recebem todo o material necessário para a montagem dos produtos, inclusive peças cortadas, aviamentos e acessórios, não tendo qualquer responsabilidade sobre os demais processos. Elas produzem as peças em suas próprias casas, em pequenos espaços adaptados, e entregam os produtos prontos para as fábricas e lojas.

A relevância deste trabalho está, principalmente, ao traçar um paralelo entre estes dois grupos em um mesmo contexto, o que não foi encontrado na literatura, permitindo levantar insights sobre a influência do contexto e das relações de trabalho, bem como contribuir à literatura acerca do tema trabalho feminino.

Em termos acadêmicos, este trabalho contribui ao fortalecer os estudos sobre como a atividade empreendedora afeta a subjetividade de mulheres que empreendem – campo em construção (Ferreira & Nogueira, 2012; Gomes, Santana e Araújo, 2009; Jazar, Ferreira, Rese, & Miliorini, 2013).

Em relação ao trabalho domiciliar, este ainda é um modelo pouco estudado, merecendo maior investigação e um olhar atento às questões relacionadas ao trabalho feminino, uma vez que é apontado por diversos pesquisadores como uma configuração que mantém e evidencia diversos preconceitos contra a mulher e reforça divisões sociais entre homens e mulheres (Boris, 2014; Carvalhal, 2012; Carvalhal & Thomaz Júnior, 2012; Guiraldelli, 2012; Johnson, Murphy, Zewdie, & Reichard, 2008 Lavinias, L., Sorj, B., Barsted, L. L., & Jorge, A., 2000).

Se por um lado as mulheres conquistaram o mercado de trabalho, por outro, grande parte das responsabilidades familiares permanece exclusivamente sobre os ombros delas

(Antunes, Carvalho Neto, Lima-Souza, & Mota-Santos, 2018; Ferreira, Sadiyama, Correia e Gomes, 2015; Lima, Carvalho Neto, Lima, Tanure, & Versiani, 2014; Lima, Lima, & Tanure, 2009; Mota-Santos, 2012; Mota-Santos, Neto, Oliveira, & Andrade, 2019; Rocha-Coutinho, 1999; Santos, Fernandes, & Mantovani, 2016), perpetuando a ideia de que o ambiente doméstico é espaço feminino por excelência.

Fundamentada nas construções sociais de gênero, a divisão sexual do trabalho trata da separação das atividades mais adequadas aos homens e atividades mais adequadas às mulheres. Muitas vezes ficando para a mulher atividades relacionadas a reprodução e cuidado doméstico (Holzmann, 2002). É também denominada como forma de divisão do trabalho social historicamente adaptada a cada sociedade e decorrente das relações sociais de sexo (Kergoat, 2009)

A divisão constitutiva da ordem social e as relações de dominação entre os gêneros estão inscritas na sociedade classificando o que é papel de um homem e o que é de uma mulher (Bourdieu, 2010). Isso gerou uma separação dos espaços públicos atribuídos aos homens e os espaços privados, representados pelo lar, reservados às mulheres (Davies & Frink, 2014; Frasquete & Simili, 2017). Ao colocar a mulher no papel relacionado ao processo reprodutivo, permite que se vejam todos os papéis femininos derivados das funções biológicas, ficando o homem nesse caso com o papel auxiliar (Durham, 1983).

Apesar da entrada e permanência da mulher em ocupações diferentes e do aumento da escolaridade, ainda há desigualdade entre “homens” e “mulheres” em relação ao trabalho dentro e fora do lar (Azevedo, 2007; Fleck; Wagner, 2003; Losada, Rocha-Coutinho, 2007). O rendimento mensal de uma mulher profissional ainda é inferior ao de um homem profissional (Ferreira, Silva, Silva & Sousa, 2017). Além disso, se a esfera doméstica não passar por mudanças, não se pode pensar em participação mais igualitária no mercado de trabalho entre homens e mulheres (Azevedo, 2007; Fleck; Wagner, 2003; Losada, Rocha-Coutinho, 2007).

Tendo a divisão sexual do trabalho como pano de fundo, buscou-se aprofundar em estudos que ajudem a compreender os aspectos que constituem a realidade de mulheres destes dois grupos estudados. O enfoque é tratar das contribuições mais recentes sobre o trabalho feminino e a correlação com as demandas do lar. Logo, esse trabalho não tem o objetivo de aprofundar em aspectos do empreendedorismo.

A produção nacional relacionada ao tema equilíbrio/conflito trabalho e casa está fortemente ligada às questões de gênero, principalmente quando se fala em dilemas das mulheres profissionais. Esse conflito é reforçado pela tradicional divisão sexual do trabalho,

uma vez que atribui às mulheres a responsabilidade pelos cuidados com filhos e lar, gerando uma maior carga de trabalho (Souza, Sá e Lemos, 2019).

Referencial Teórico

2.1 Mulher dona do próprio negócio: O trabalho como um acréscimo da casa?

Diversas pesquisas indicam que o empreendedorismo leva ao questionamento e à ruptura de antigos paradigmas sobre o papel da mulher na sociedade, trazendo maior autonomia, tanto profissional quanto na vida conjugal, social e familiar. Assim sendo, mulheres empreendedoras, donas de seu próprio negócio tendem a serem marcadas por características como autoconfiança, orgulho e perseverança, além de enorme identificação com o trabalho (Barbosa, Carvalho, Simões e Teixeira, 2011; Jonathan, 2005; Mota-Santos et al, 2016; Silva, 2006).

A maneira como mulheres e homens empreendedores tomam decisões relacionadas a seus negócios diferem desde o momento da abertura do negócio. (Melo & Silva, Rafael Rodrigues; Almeida, 2019). Os diferentes papéis desempenhados por cada um, frutos dos processos de socialização pelos quais passam ao longo da vida, afetam como tomam suas decisões no ambiente familiar e no trabalho (Cramer, Cappelle, Andrade, & Brito, 2012 Greenhaus & Beutell, 1985). Desta forma, também o ambiente empreendedor acaba por ser marcado por diferenças e desigualdades quando se fala em trabalho de homens e de mulheres (Brandão, Marques, & Lamela, 2019).

Para Cramer et al. (2012), este aprendizado tende a priorizar a cooperação e a criação de laços de confiança. Ao empreenderem, entretanto, são esperados delas comportamentos ligados à competitividade, assertividade e capacidade de negociação, os quais são associados à masculinidade (Gupta, Turban, Wasti e Sikdar, 2009).

Neste contexto, a mulher empreendedora é levada a construir uma nova imagem, que concilia representações do que é ser mulher e empresária, também a reconstituir aspectos relacionados à família, de modo a conciliar com a vida profissional (Cramer et al., 2012). Essa conciliação de papéis, por vezes é marcada por sentimentos como culpa, medo e sobrecarga (Machado, 2006), uma vez que há pouca divisão com o parceiro das tarefas relacionadas ao lar.

Muitas vezes a percepção do que é ser masculino envolve a divisão das tarefas realizadas pelos homens e, nesse quesito, as tarefas de casa ainda não são divididas por eles,

uma vez que não se sentem corresponsáveis por sua execução (Guppy; Sakumoto; Wilkes, 2019; Jablonski, 2007; 2010).

2.2 Mulher que trabalha em domicílio: O trabalho como uma atividade da casa?

Enquanto, por um lado, a mulher dona do próprio negócio possui uma tendência, apontada por estudos anteriores, a apresentar muitos aspectos positivos, como identificação com o trabalho, autonomia e autorrealização, o panorama sobre as mulheres que trabalham em domicílio traz tendências por vezes opostas a esses aspectos. Pesquisas indicam que, de modo geral, o trabalho domiciliar trata-se ainda de uma forma de precarização das relações de trabalho, com alto nível de informalidade (Araújo & Amorim, 2002; Carvalhal, 2005, 2012; Carvalhal & Thomaz Júnior, 2012; Enoque, Borges, e Saraiva, 2015; Guiraldelli, 2012; Lavinias et al.2000; Neves, 2006; Neves & Pedrosa, 2007).

Por ser realizado no lar e se confundir muitas vezes com as atividades domésticas, o trabalho domiciliar acaba por se tornar invisível socialmente e associado à informalidade (Boris, 2014; Carvalhal, 2012; Guiraldelli, 2012).

A atividade laboral da mulher, quando associada ao ambiente da casa, pode ser de tal maneira desvalorizada, chegando a ser considerada um não-trabalho, apesar de contribuir com a produtividade da família e de toda uma comunidade (Nunes, 2006).

Para autores como Araújo e Amorim (2002), Guiraldelli (2012) e Neves (2006) o trabalho em domicílio, na cadeia produtiva da confecção, potencializa as desigualdades e a exclusão da mulher do mercado de trabalho formal, uma vez que as oferece condições precárias, tanto em termos legais, quanto de saúde e qualificação. Neste sentido, reforça uma histórica divisão sexual do trabalho, a qual confere às mulheres posições menos valorizadas e piores condições de trabalho.

Souza (2010) ressalta que a atividade realizada dentro do espaço doméstico por artesãs permitia obter renda e tornava mais fácil a dupla jornada de trabalho. Por outro lado, as mulheres que optaram por produzir o artesanato “fora do espaço doméstico” para dedicar mais tempo a essas atividades e conseguir maior rendimento de sua produção, conseguiam também dedicar menos tempo aos serviços da “casa”.

Lavinias et al. (2000), em um amplo levantamento sobre o tema, em âmbitos nacional e internacional, identificam uma forte conotação do trabalho feminino no trabalho em domicílio, sendo, para a autora, consequência tanto da necessidade de que elas conciliem os cuidados domésticos com a atividade remunerada, quanto de um reflexo da própria falta de

oportunidades e baixa qualificação das mulheres, as quais acabam sendo direcionadas a trabalhos com menores remunerações e piores condições. A extrema desvalorização das mulheres neste modelo de trabalho mostra reflexos também na formação de sua subjetividade (Carvalho, 2005).

A sobreposição entre o espaço doméstico e o espaço do trabalho parece afetar significativamente as imagens das mulheres que o exercem. Neste contexto, no qual atividades domésticas e de produção se misturam, as mulheres têm restritas suas possibilidades de constituição de posturas mais autônomas (Enoque et al., 2015).

A seguir estão detalhadas no quadro 1 as principais temáticas discutidas pela literatura sobre empreendedoras e sobre faccionistas.

Quadro 1: Literatura *versus* autores

Literatura sobre empreendedoras	Autores	Literatura sobre Faccionistas	Autores
Identificação com o trabalho	Barbosa, Carvalho, Simões e Teixeira, 2011; Jonathan, 2005; Mota-Santos, Carvalho Neto, Caeiro, Versiani e Martins, 2016; Silva, 2006	Precarização das relações de trabalho	Araújo & Amorim, 2002; Carvalho, 2005, 2012; Carvalho & Thomaz Júnior, 2012; Enoque, Borges, e Saraiva, 2015; Guiraldelli, 2012; Lavinias, Sorj, Barsted e Jorge, 2000; Neves, 2006; Neves & Pedrosa, 2007
Autoconfiança, orgulho e perseverança	Barbosa, Carvalho, Simões e Teixeira, 2011; Jonathan, 2005; Mota-Santos, Carvalho Neto, Caeiro, Versiani e Martins, 2016; Silva, 2006	Informalidade	Araújo & Amorim, 2002; Carvalho, 2005, 2012; Carvalho & Thomaz Júnior, 2012; Enoque, Borges, e Saraiva, 2015; Guiraldelli, 2012; Lavinias, Sorj, Barsted e Jorge, 2000; Neves, 2006; Neves & Pedrosa, 2007
Conciliação de papéis	Cramer et al., 2012; Machado, 2006	Trabalho invisível socialmente / Informalidade	Boris, 2014; Carvalho, 2012; Guiraldelli, 2012
Sentimento de culpa	Machado, 2006	Atividade desvalorizada	Carvalho, 2005
Medo e sobrecarga	Machado, 2006	Reforça a divisão sexual do trabalho	Araújo e Amorim (2002), Guiraldelli (2012) e Neves (2006)
		Não trabalho	Nunes, 2006

Fonte: Dados da pesquisa.

Metodologia

O estudo teve o objetivo de conhecer o trabalho de mulheres (faccionistas e empreendedoras) que vivem em um pequeno município produtor de moda íntima no Norte de Minas, buscando identificar questões relacionadas ao trabalho feminino. A pesquisa foi realizada no pequeno município de Taiobeiras, localizado a cerca de 700 quilômetros da capital do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte, próximo ao município de Salinas. Taiobeiras tem população estimada 33.858 habitantes (IBGE, 2018) e está em uma região marcada pelo estigma da pobreza, da seca e do baixo desenvolvimento humano, sendo considerada como área de vulnerabilidade social e econômica, com deficiência de mão de obra especializada, baixo desenvolvimento industrial e alta dependência de investimentos estatais e do Terceiro Setor (IDENE / SUDENE, 2013).

A estratégia metodológica adotada foi qualitativa e descritiva (Vergara, 2005). Whetten e Godfrey (1998) ressaltam que métodos narrativos e de conversação são adequados quando se quer compreender a relação do indivíduo com seu trabalho. Dessa forma, foram realizadas vinte e duas entrevistas semiestruturadas, com o apoio de um roteiro de perguntas pré-estabelecido, conforme indica Yin (1981). Para a definição do número de mulheres entrevistadas foi observado o momento de saturação, ou seja, quando os dados coletados se tornaram repetitivos e suficientes para a análise do fenômeno e diálogo com a teoria (Eisenhardt, 1989).

O roteiro de entrevistas foi construído visando a conhecer a realidade das mulheres pesquisadas, a partir da ótica das questões relacionadas ao trabalho feminino, conforme objetivos da pesquisa e abordagem do referencial teórico. Além disso, foi testado a partir de uma etapa prévia de realização de sete entrevistas.

Das mulheres entrevistadas, treze são empresárias, donas de fábrica, e as demais trabalham em seu próprio domicílio, como faccionistas, produzindo peças para uma das mais de 126 pequenas fábricas instaladas na cidade. Embora as mulheres que participaram da pesquisa apresentaram um papel diferente na cadeia produtiva, a realidade socioeconômica das mesmas é bastante similar. As proprietárias possuem certa ascensão quando comparadas às faccionistas, entretanto, não podemos falar em diferenças do tipo: mulheres de classe social baixa e mulheres de classe social mais alta.

As entrevistas ocorreram no período de abril a julho de 2018 e os agendamentos se deram por meio da técnica “bola de neve” (Vinuto, 2014), ou seja, com a indicação de outras

mulheres pelas próprias entrevistadas. As primeiras entrevistadas foram indicadas pela presidente da Associação de Moda Íntima e Praia de Taiobeiras.

O problema de pesquisa foi investigado por meio de estudo de casos múltiplos, o qual, como propõem Yin (1981), Eisenhardt (1989) e Ridder, Hoon e Mccandless (2009), enriquece a compreensão do fenômeno estudado e evita generalizações precipitadas. A definição dos grupos – empreendedoras e trabalhadoras em domicílio - tomou como referência a natureza de seu trabalho: além do fato de terem ou não empresa formalizada e do ambiente no qual trabalham, no caso das donas de fábrica, são responsáveis por todo o processo produtivo, desde a ideação e desenvolvimento dos produtos, até os processos de compra, divulgação e venda. As facionistas, por sua vez, recebem todo o material necessário para a montagem dos produtos, inclusive peças cortadas, aviamentos e acessórios, não tendo qualquer responsabilidade sobre os demais processos. Elas produzem as peças em suas próprias casas, em pequenos espaços adaptados, e entregam os produtos prontos para as fábricas e lojas.

Destaca-se a importância dada ao recorte territorial na delimitação da unidade de análise, tendo em vista a relevância de se estudar o fenômeno dentro de seu contexto sociocultural, permitindo, assim, extrair exatamente o que há de rico, complexo e específico a este grupo e trazer à tona convergências, contrastes e o aprofundamento do referencial teórico já existente (Eisenhardt & Graebner, 2007).

Os dados colhidos foram explorados por meio dos procedimentos de análise de conteúdo, seguindo as etapas de pré-análise, exploração do material e interpretação, conforme indica Bardin (2012). Após a realização das entrevistas, todo o material foi transcrito, gerando um total de 246 páginas. Iniciou-se, então, a categorização de todo o material e a separação do conteúdo em planilha, tomando como base as categorias abaixo relacionadas. Após a leitura repetida das entrevistas, foi feito o refinamento da categorização do conteúdo e selecionado material para a escrita deste artigo.

Neste processo, buscou-se investigar não somente a linguagem explícita, como também questões ligadas à condição de produção e ao contexto. Bardin (2012) lembra que, ainda que se busque um tratamento objetivo dos dados de pesquisa, a análise de conteúdo pressupõe esforço para não perder de vista o que há de rico na subjetividade da pesquisa qualitativa, explorando a compreensão para além dos significados imediatos do conteúdo pesquisado e, assim, examinando aspectos que poderiam se perder em uma primeira leitura superficial.

Análise e discussão dos resultados

3.1 Caracterização das entrevistadas

Das vinte e duas mulheres entrevistadas, nove trabalham como faccionistas e as demais são empresárias, donas de fábricas com estruturas que variam entre zero e vinte e quatro pessoas envolvidas na produção e venda.

A faixa etária das entrevistadas está compreendida entre vinte e dois e cinquenta e oito anos, sendo a faixa etária média das donas do próprio negócio um pouco mais alta do que das faccionistas. A grande maioria delas é casada ou mora com o companheiro, e possui filhos, sendo que apenas duas das vinte e duas entrevistadas não são mães, coincidindo com o fato de não terem se casado.

Também é característica comum entre quase todas elas terem estudado somente até o ensino médio ou, em alguns casos, somente o ensino fundamental, sendo que apenas uma empresária, entre todas as entrevistadas, possui o ensino superior completo e outra está cursando a graduação.

Observou-se, por meio dos relatos, que as fábricas foram abertas de forma espontânea, ampliando em número e em qualidade a partir do fomento de agências como Sebrae, Fiemg e pelo incentivo da própria Prefeitura Municipal para o fortalecimento da cadeia produtiva na cidade. Além disso, a Associação de Moda Íntima e Praia de Taiobeiras teve um papel importante na organização da cadeia e no estímulo à formalização das empresas.

Para manter o sigilo em relação aos nomes, optou-se por identificá-las somente como ‘E’, para empresárias e ‘F’, para faccionistas’. Os dados coletados foram divididos em três categorias de análise: (1) identificação das mulheres com o trabalho; (2) relações familiares e como isso afeta a percepção do que seja seu lugar social de mulher e, por fim, (3) o que elas entendem sendo parte indissociável do papel social da mulher.

3.2 Categorias

Categoria 1 - Identificação das mulheres com o trabalho

Foi unânime, entre as mulheres dos dois grupos pesquisados, a manifestação de forte identificação com o trabalho, sendo este recorrentemente associado a algo positivo e que as define enquanto indivíduo e mulher. Quando perguntadas sobre as principais características que as definem, foi recorrente ouvir adjetivos como “trabalhadeira”, “batalhadora”,

“esforçada”, em forte evidência de como essas mulheres se identificam com o trabalho que desenvolvem e de como essa identificação afeta a percepção de si mesmas.

Em nenhuma entrevista foi feita qualquer associação do trabalho com obrigação ou sofrimento. Seja por ser fonte de prazer e satisfação pessoal, seja por ser o meio para o sustento e promoção de qualidade de vida da família ou mesmo por reconhecerem no trabalho um valor que merece ser exaltado por ser moralmente adequado, foi manifesto entre todas o desejo de se manterem trabalhando e progredindo profissionalmente.

Especialmente entre as empresárias/donas de fábrica, é marcante o quanto se identificam com o trabalho, e como este as torna mais autoconfiantes, seguras e determinadas. Uma das entrevistadas resume: *“Eu acho que, na minha vida mesmo, trabalho é muito bom (...), eu acho muito gratificante”*. (E9).

Esta constatação converge com os achados de pesquisas anteriores, que apontam uma associação entre a atividade empreendedora e ganhos em relação a autoestima e autonomia das mulheres (Barbosa et al 2011; Jonathan, 2005; Mota-Santos et. al., 2016).

Ao dizer que o trabalho estaria em primeiro lugar, E10 logo corrige sua própria fala, dizendo que a família ocupa o primeiro lugar de importância em sua vida. Ao que parece, ainda que lhe traga alegrias e realizações, a esta mulher não é socialmente autorizado colocar o trabalho à frente da família. Quando dizem do trabalho, com frequência dizem também de suas famílias, especialmente referenciando o trabalho como meio para a melhoria de vida dos filhos.

Entre as faccionistas / trabalhadoras em domicílio, o trabalho foi também citado como fonte de prazer e satisfação, sendo algo ao qual elas despendem não só muitas horas de seus dias, como também dedicação, empenho e inclusive, afeto: *“Eu ‘tando’ trabalhando, pra mim ‘tá’ bom. (...)”* (F4). Ainda que tenham uma postura positiva em relação ao trabalho, entre elas, entretanto, não foi observado que este seja fonte de autoestima e autoafirmação, tanto quanto em relação às empresárias.

Ainda que seja manifesta a identificação das mulheres com o trabalho e este seja fonte de orgulho e satisfação, a percepção de si mesmas enquanto trabalhadoras é também geradora de conflitos. Ao se perceberem assumindo diferentes funções e conquistando ganhos sociais e financeiros, sentem-se de alguma forma invadindo um espaço que seria, por excelência, dos homens: *“As mulheres aqui trabalham mais do que os homens”*. *Eu falo com meu marido “se você trabalhasse metade do que eu trabalho...”* (E5).

Essa sensação de invasão ressaltada pelas faccionistas tem correlação com as construções sociais de gênero, que ao longo da história separou o que seria atividade mais

adequada aos homens (trabalho fora do lar) e atividade mais adequada às mulheres (relacionadas a reprodução e cuidado doméstico) (Holzmann, 2002).

A dona de fábrica E5 parece se lamentar por trabalhar mais do que seu marido, *“trabalhar mais do que os homens”*, como se o esforço de trabalhar muitas horas devesse ser exclusivo do universo deles. A sensação de sobrecarga é agravada pelo fato de acumularem as tarefas domésticas, as quais permanecem sendo exclusivamente responsabilidade delas. Mais uma vez fica evidente o que já foi colocado por Guppy; Sakumoto; Wilkes, (2019) e Jablonski, (2007; 2010) sobre o pouco avanço da divisão das tarefas do lar entre homens e mulheres.

Perguntadas sobre como se veem em um futuro de cinco ou dez anos, também se destacou o trabalho com espaço sobre o qual elas depositam os planos e os sonhos. O desejo de permanecer trabalhando e expandindo seu negócio, independentemente da necessidade financeira fica evidente na fala da empresária E1: *“Vou estar trabalhando acho que da mesma forma. Porque eu gosto de trabalhar. Tem hora que ‘num’ precisa nem eu ‘tá’ fazendo, mas eu quero ‘tá’ ali e fazendo”*.

Percebe-se que, muito mais do que uma relação pragmática com o trabalho, elas (empresárias e também faccionistas) possuem com ele uma ligação afetiva, que as leva a lutarem por seu espaço cotidianamente e fortalecerem não só o seu próprio negócio (empresárias), como também toda uma rede de produção e de apoio, formada por mulheres. O resultado tem sido o fortalecimento econômico do município e o seu reconhecimento recente como polo de fabricação lingerie e moda praia. Mas, mais do que isso, naquele contexto, o trabalho das mulheres é símbolo de liberdade, de força, de garra, de mudança no papel social das mulheres que proporcionam as reconfigurações nas famílias e em suas próprias imagens.

Categoria 2 - Relações familiares e como isso afeta a percepção do que seja seu lugar social de mulher

Ainda que as mulheres dos dois grupos se dediquem muitas horas a seus trabalhos e demonstrem genuíno apreço – por vezes até paixão – pela costura e por todo o universo da lingerie, ao serem questionadas sobre os papéis que exercem em suas vidas e o quanto se sentem satisfeitas com eles, comumente o papel de mãe apareceu em primeiro lugar. Percebe-se, então, que a maternidade é um importante fator na construção das vidas dessas mulheres, merecendo um olhar atento.

Ser esposa e, especialmente, ser mãe, muito antes de ser uma escolha de vida, aparece na fala dessas mulheres como condição para que se completem enquanto mulheres. Dizer isso

não significa deslegitimar a realização genuína que encontram com a maternidade, mas, sim, trazer à tona a observação de que a maternidade não é, para essas mulheres, uma opção pessoal ou do casal, mas, aparentemente, um caminho “natural” para o qual a vida de todas elas estão determinadamente direcionada.

Ao se deparar com a questão “Para você, o que é ser mulher?”, a dona de fábrica E3 pareceu ter dificuldade em responder, uma vez sendo ela ainda solteira e sem filhos: “*Ser mulher... é... ser mulher... tipo... é um ‘faz tudo’.* Sabe? *Eu penso isso porque... é o que eu vejo também nas outras, porque eu não tenho filho, não sou casada, então, assim, não sei, mas eu penso que é... (...) faz tudo, mulher é um faz tudo*”.

Esta situação vivenciada pela empresária exemplifica o que ressalta a literatura sobre os papéis sociais: o poder da institucionalização pode ser tamanho, que o indivíduo passa a se confundir com os padrões e comportamentos que são esperados para ele. No caso de E3, por não exercer os papéis considerados primordiais para uma mulher, de esposa e mãe, ela precisou inferir o que é ser mulher - “*é o que eu vejo nas outras*”, não conseguindo perceber a si mesma como tal. Cabe ressaltar que, a questão não trazia qualquer referência à maternidade ou matrimônio.

Algumas mulheres apontam o quanto é forte o desejo de serem mães e poderem acompanhar de perto o dia a dia das crianças. Nesta lógica, a dona de fábrica E1 diz: “*Graças a Deus eu consigo ser mãe mesmo, ‘tá’ próximo, acompanhar minha filha. (...). Eu acho assim: que hoje o mais importante, pra mim, é minha filha. Sabe, assim, ver minha filha educada, ver minha filha tratando todo mundo bem, igual eu gostaria*”.

Em alguns momentos, ao serem perguntadas sobre qual papel as satisfaz mais, trabalho e maternidade apareceram juntos, como duas faces da vivência dessas mulheres, que se completam: “*[Eu me satisfaço] em todos os papéis que eu desenvolvo. Meu trabalho, eu amo meu trabalho. Amo meus filhos, cuidar dos meus filhos. Tudo que eu faço, eu faço com prazer. (...) Lingerie é minha paixão. Meus filhos eu nem falo, ser mãe. Então acho que tudo é uma paixão*” (F21).

Em outros momentos, a maternidade foi citada como o papel mais importante de suas vidas: “*Ah, é dona de casa, né, cuidando das minhas filhas*” (F12). Logo à frente, entretanto, em sua fala, a mesma entrevistada se corrige: “*Bom, né... é que na verdade eu gosto de costurar, né... eu gosto de costurar, né... Do meu serviço...*”. Ao que parece, ela não se permite, em um primeiro momento, dizer que o trabalho é também uma grande fonte de satisfação, talvez maior do que a maternidade. Ainda que o trabalho a satisfaça, parece que a

resposta esperada, a qual ela pronuncia com um teor de automatismo, é de que seu maior prazer é no cuidado com as filhas.

A maternidade foi decisiva também na forma de organização do trabalho dessas mulheres, de maneiras diferentes, mas igualmente marcantes nos dois grupos. O esforço de conciliação entre família e trabalho mostra reflexos não só na configuração das estruturas físicas, com a aproximação entre os ambientes doméstico e profissional, como também na forma como elas organizam seu o tempo, desdobrando-se para não deixarem nada sem a devida atenção: filhos, marido, casa, produção, clientes, fornecedores e sua paixão pela costura.

Enquanto as confecções são montadas dentro de casa, em cômodos adaptados, as fábricas, em sua maioria, são estruturas um pouco mais robustas, construídas no quintal, garagem ou em terreno anexo às casas. Ambas as configurações, entretanto, permitem que os horários das mulheres sejam adaptados em relação ao dia a dia da família.

A faccionista F20 esclarece: *“O mais positivo [de trabalhar em casa] é a proximidade com as meninas. Até mesmo... não só com as meninas, mas com a família em si, né?! Com meu marido... É essa a maior vantagem”*. Também entre as donas de fábrica a maternidade é definidora para que montem suas empresas próximas à moradia da família: *“Sempre eu ‘tou’ dando par de tudo, né?! Igual, eu “tou” com os filhos, “tou” trabalhando e ao mesmo tempo”*. (E10).

Enquanto o trabalho aparece como uma escolha, movida por diferentes motivos, a maternidade é quase um caminho natural, o qual a mulher deve necessariamente percorrer, uma condição intrínseca à mulher. Logo, estarem próximas – ou dentro – do ambiente doméstico, é uma necessidade relatada por elas para que consigam conciliar o desejo de trabalhar com a “obrigação” da maternidade.

Enquanto o grupo das trabalhadoras domiciliares traz para dentro de suas casas a sua atividade laboral, o grupo das donas do negócio parece levar a casa e a família para dentro do trabalho: muitas fábricas carregam o nome das filhas ou netas, as quais circulam livremente entre máquinas e tecidos. Grande parte das fábricas é anexa à casa da família, a entrada das casas passa a ser a própria loja, construída em antigas garagens, ganhando destaque e tornando-se uma porta de acesso à residência da família.

O trabalho delas é todo configurado em torno das obrigações com a casa e a família, e não o inverso, permitindo não só a conciliação de papéis, mas o não comprometimento do que seria seu principal papel: o de esposa e mãe.

Existe entre elas uma sensação de autonomia em relação à gestão do próprio tempo. Por diversas vezes, as mulheres dos dois grupos relatam que o fato de trabalharem por conta própria permite que tenham maior liberdade neste aspecto. Especialmente entre as donas de fábrica, isso é evidente: *“a gente não é mandado por ninguém. A gente faz o horário da gente. Igual assim eu ‘tou’ aqui, se eu quiser deitar e dormir, eu deito e durmo e ela [funcionária] termina o serviço. Então é vantajoso. Você faz seu horário”*. (E14).

Ainda que se manifestem dessa forma, foi observado, nos dois grupos e com mais força entre as faccionistas, o fato de que todo o seu tempo é programado para se encaixar perfeitamente ao tempo do marido e dos filhos. O horário de trabalho típico das lojas, assim como nas confecções, é das sete às onze da manhã e das treze às dezessete, de modo que não haja prejuízo às funções domésticas, reforçando o papel social ligado aos cuidados e ao espaço privado do lar.

Muitas faccionistas explicam que começaram a trabalhar em casa exatamente quando se tornaram mães, sendo uma forma de se manterem ativas financeiramente, sem comprometerem a criação das crianças. Esse dado corrobora as pesquisas que ressaltam o quanto o trabalho domiciliar de alguma forma precariza as relações de trabalho (Araújo & Amorim, 2002; Carvalhal, 2005, 2012; Carvalhal & Thomaz Júnior, 2012; Enoque, Borges, e Saraiva, 2015; Guiraldelli, 2012; Lavinias et al.2000; Neves, 2006; Neves & Pedrosa, 2007). Não se trata, entretanto, de uma atividade temporária, sendo que algumas delas já estão há mais de uma década trabalhando nessa modalidade.

Enquanto entre as donas de fábrica, existe um grande esforço para conciliar os papéis de mãe, esposa e empresária, é possível dizer que, entre as faccionistas o que há é a sobreposição destes papéis, sendo quase impossível diferenciar o momento em que cumprem um ou outro. Por estarem em casa, as funções de mãe, dona de casa e costureira ocorrem quase que simultaneamente, nos mesmos tempos e espaços.

Conforme Guiraldelli (2012), o que diferencia o trabalho domiciliar do trabalho doméstico é o seu caráter remunerado, e executado no espaço residencial, o trabalho domiciliar ganha status de invisibilidade.

Nesta perspectiva, o trabalho domiciliar também parece, como apontado por pesquisas anteriores (Araújo & Amorim, 2002; Carvalhal, 2005, 2012; Carvalhal & Thomaz Júnior, 2012; Enoque et al., 2015; Guiraldelli, 2012; Lavinias et al., 2000; Neves, 2006; Neves & Pedrosa, 2007), reforçar disparidades, ao manter sob tutela apenas das mulheres a responsabilidade pelas atividades domésticas e a necessidade de conciliação destas com o trabalho remunerado.

Categoria 3 - O que é ser mulher na visão das entrevistadas?

Por fim, esta categoria diz respeito ao que as entrevistadas compreendem como sendo mais significativo para o entendimento dos papéis desempenhados pela mulher e, conseqüentemente, de seu lugar social. Primeiramente, destaca-se a dimensão do cuidado e do servir, sempre presentes na fala delas como sendo um aspecto que as conecta com o universo feminino: o cuidado com o outro, consigo, com funcionários, clientes e, especialmente, com marido e filhos. Também aparece, como avesso, a culpa por não conseguirem manter o nível de atenção e cuidado que gostariam e que consideram esperado para uma mulher, esposa e mãe.

Ser mulher, para elas, está intrinsecamente ligado ao acúmulo de papéis e, por consequência, à capacidade de se adaptarem e resistirem a pressão e sobrecarga. Se, por um lado, o acúmulo de papéis é motivo de orgulho, “*Mulher é tudo. Eu acho que mulher é que move o mundo pra te falar a verdade*”. (F21), é também causa de sobrecarga e desgaste físico e emocional. O que corrobora a literatura que ressalta a conciliação de papéis marcada por sentimentos como culpa e sobrecarga, principalmente por vivermos em uma cultura que há pouca divisão das tarefas do lar (Machado, 2006).

Essas mulheres demonstraram uma disponibilidade quase incansável para servir e cuidar de suas famílias. O autocuidado foi também abordado por algumas mulheres, traduzido como vaidade, preocupação com a beleza e aparência física, como sendo característica que as define enquanto mulheres. Interessante observar, entretanto, que o autocuidado e a vaidade foram normalmente citados muito mais como algo que elas almejam ter, que admiram em outras mulheres e que precisam ainda alcançar para se tornarem as mulheres que desejam ser: “*eu sou “esmazelada”, eu “tou” aqui, eu calço o chinelo, desço “pra” praça...*” (E14).

Quando perguntadas sobre seu dia a dia no trabalho foi comum, especialmente entre as empreendedoras, destacarem o aspecto do cuidado, com funcionários, clientes, fornecedores, como algo que diferencia o modo de agir dos homens: “[*Ser empreendedora*] *é ter um cuidado a mais, tanto com seus funcionários, com você, com a sua fábrica. É pensar em tudo, no seu cliente, principalmente no cliente*” (E6).

Destaca-se, nos dois grupos, a preocupação com a alimentação da família. Praticamente todas as mulheres entrevistadas, sejam donas de fábricas, sejam trabalhadoras domiciliares, disseram parar o trabalho diariamente, no final da manhã, para fazerem almoço para filhos e maridos, em uma manifestação não somente de cumprimento do que entendem como suas obrigações, mas também como expressão de cuidado.

A dona de fábrica E15, por exemplo, explica um pouco do seu dia a dia e frisa a pausa diária para preparar a refeição da família: *“Eu levanto de manhã venho pra cá [fábrica] fico aqui até umas dez horas, às dez eu vou fazer almoço. Ai depois almoço, almoçamos, levo minha filha “na” escola, aí eu volto pra cá uma e meia, mais ou menos”* (E15).

Também entre as faccionistas a rotina se repete, sempre garantindo a pausa para assegurarem a preparação do almoço para a família, o que é facilitado, uma vez que já estão dentro de suas casas. F12, apesar de contar com uma pessoa contratada para cuidar da casa, mantém o hábito diário de ela mesma preparar a comida da família: *“Tem uma moça que me ajuda [em casa], e a outra na costura. Almoço “é” eu é que faço. É só também que eu dou conta, além da loja”*.

Assim como dito por E15 e F12, a questão do preparo do almoço é citada por diversas outras entrevistadas, marcando profundamente um lugar de responsabilidade e cuidado o qual elas se esforçam para manter, ainda que sejam mulheres trabalhadoras, empresárias e independentes financeiramente. Trata-se de um espaço de cuidado e também de controle, um espaço no qual a mulher está no comando: *“Não é nem questão de ser machista, mas eu acho que não combinaria muito ele [marido] sair na hora do almoço, por exemplo, pra fazer almoço pra gente. Eu prefiro ser dona disso”* (E8).

Ao que parece, é socialmente permitido a conquista de uma vida profissional e financeira, desde que isso não afete as obrigações, delas por excelência, com o marido e os filhos. Mais uma vez fica evidente o pouco avanço quando se fala em divisão das tarefas do lar. A faccionista F4 explica a impossibilidade de ter um emprego fixo, e que a solução para conciliar trabalho e as obrigações com a família é o trabalho domiciliar. Destaca-se o fato dela se referir ao marido e aos dois filhos já adultos – com vinte e vinte e cinco anos –, os quais já estão inclusive também no mercado de trabalho, o que não a exime de garantir a alimentação diária deles:

“Assim, porque “pra” eu trabalhar fora também não dava, porque o horário de almoço das “fábrica” aí é onze e meia. Aí não tinha como eu sair onze e meia do meu serviço, chegar aqui, fazer almoço pra meu marido e meus “filho” que “tava” aqui desde onze horas esperando” (F4).

Não foi percebido, na fala dessas mulheres, algum tipo de questionamento em relação à sobrecarga com cuidados com a família, sendo que esta seria uma obrigação incontestável de uma mulher, e somente da mulher. Quando perguntadas sobre terem alguém que as ajude em casa, apenas uma das vinte e duas entrevistadas citou imediatamente o marido ou companheiro.

Conforme apontado pelos dados de pesquisa, analisados nas categorias anteriores, a possibilidade - e a vontade - de serem trabalhadoras não trouxe junto o alívio com relação às responsabilidades com os cuidados com a casa e os filhos, o que corrobora com autores como Rocha-Coutinho (1999); Mota-Santos, Tanure e Carvalho Neto (2014 2014 / 2015); Mota-Santos (2012) e Santos, Fernandes, & Mantovani (2016); Antunes et al.(2018): ainda que venham conquistando o mercado de trabalho há décadas, as mulheres continuam tendo a casa como um espaço pelo qual são quase exclusivamente responsáveis. Passam, então, a acumular uma série de papéis.

É interessante observar que esse acúmulo de tarefas não é motivo de crítica por parte dessas mulheres, a sobrecarga é tida como intrínseca à realidade da mulher, algo quase natural e imutável, sendo a resignação um ponto em comum entre os dois grupos: faccionistas e donas de fábricas, sendo ainda mais forte entre as primeiras. Ainda que seja observado desconforto com essa sobrecarga, não há um tom de julgamento ou de cobrança para que haja maior participação dos maridos e companheiros.

Ao se darem conta do volume de tarefas pelo qual são responsáveis, essas mulheres se percebem como seres “*multifunções*” (E8), “*tipo um faz-tudo*” (E3). A faccionista F21 resume: “*Minha família fala que eu sou ‘Bombril: mil e uma utilidades’. É mãe, é pai, e tudo de casa. O foco sou eu. Tudo sou eu*”.

Abaixo, dois quadros-síntese das categorias de análise: no primeiro, as principais diferenças e semelhanças entre os dois grupos de mulheres entrevistadas. Em seguida, quadro resumo dos principais pontos encontrados nas categorias pesquisadas.

Quadro 2: Diferenças e semelhanças (Empreendedoras e Faccionistas)

Diferenças (Empreendedoras e Faccionistas)	Semelhanças (Empreendedoras e Faccionistas)
Trabalho associado a algo positivo – diferente da literatura – uma realidade das faccionistas	Sobrecarga em relação a responsabilidade com as tarefas do trabalho e das atividades do lar
	Sentimento que o trabalho invade o espaço masculino. Trabalho fora do lar como atividade dos homens
Empreendedoras - grande esforço para conciliar os papéis de mãe, esposa e empresária.	Ser mulher – padrão social de casar e ter filhos
Faccionistas - sobreposição destes papéis, sendo quase impossível diferenciar o momento em que cumprem um ou outro.	Horários da vida familiar determinam as atividades e os horários do trabalho
Sobre os espaços: as confecções são montadas dentro de casa, em cômodos adaptados. *	Cuidado da alimentação da família perpassa aspectos de responsabilidade e de afeto
Sobre os espaços: as fábricas, em sua maioria, são estruturas um pouco mais robustas, construídas no quintal, garagem ou em terreno anexo às casas. *	Empreendedoras – trabalho como meio para melhorar a vida dos filhos

Fonte: Dados da pesquisa

*Ambas as configurações permitem que os horários das mulheres sejam adaptados em relação ao dia a dia da família.

Percebe-se que alguns aspectos encontrados nesse estudo a partir do quadro 2, corroboram a literatura sobre o tema, tais como: a identificação com o trabalho e o orgulho pelo que faz (principalmente no caso das empreendedoras). A sobrecarga de trabalho e a tentativa de conciliar as tarefas da casa e da vida profissional, ressaltadas pelas faccionistas e empreendedoras, também são questões bem apontadas pela literatura. Em relação à divisão sexual do trabalho, o estudo avança ao trazer uma diferença quando se fala em duas realidades de trabalho, mas também e principalmente ao aprofundar em aspectos que deixam evidente o quanto as demandas do lar determinam os horários e as atividades de trabalho. O estudo também avança ao comparar espaços físicos e o quanto estes interferem na dinâmica entre vida pessoal e profissional.

Quadro 3: Principais pontos identificados por categoria

Categoria de análise	Principais pontos observados
Identificação das mulheres com o trabalho	Trabalho enquanto fonte de prazer e satisfação
	Trabalho enquanto valor social a ser exaltado
	Relação afetiva com o trabalho
	Conflitos em relação ao que entendem ser papel social da mulher e do homem em relação ao trabalho
Relações familiares e como isso afeta a percepção do que seja seu lugar social de mulher	Naturalização dos papéis de esposa e mãe
	Conciliação trabalho e família afetam a configuração de seus tempos e espaços
	Trabalho domiciliar como fator de reforço da divisão sexual do trabalho
O que é ser mulher na visão das entrevistadas?	Papel social da mulher ligado ao cuidar e servir
	Culpa pela sobrecarga e conciliação de papéis de mãe e trabalhadoras

Fonte: Dados da pesquisa

Os resultados da pesquisa indicam que são mulheres marcadas por forte identificação com o trabalho, sendo este uma fonte de prazer e satisfação, além de um propulsor para mudanças sociais significativas e questionamentos acerca do lugar social da mulher naquele

contexto. Em um ambiente de baixa escolaridade e economia pouco diversificada, podemos inferir, a partir da análise do conteúdo colhido nas entrevistas (Bardin, 2016) que o trabalho se torna, também, espaço sob o qual elas exercitam o poder da escolha individual e a conquista de sua autonomia.

Em relação especificamente a autodescrição ou o discurso das empreendedoras, destacam-se aspectos como autoconfiança, orgulho, otimismo, além da formação de uma forte rede de solidariedade entre elas. Em paralelo, também foram observados sentimentos como medo, culpa e insegurança decorrentes das mudanças significativas nas relações conjugais e sociais, que ocorreram a partir da conquista de independência financeira e de status social.

Entre as mulheres que trabalham em domicílio (faccionistas), por sua vez, conclui-se que possuem não somente menor qualificação profissional, como também menor independência financeira e emocional. Acredita-se tratar de reflexos do modelo de trabalho que exercem, que as mantém grande parte do seu tempo restritas ao ambiente doméstico, com menos interação, troca de informações e compartilhamento de aprendizados. Especificamente no contexto pesquisado, entretanto, verificou-se que as mulheres encontram nesta modalidade de trabalho uma oportunidade de se tornarem independentes financeiramente, mais ativas e autossuficientes.

No que tange às questões especificamente relacionadas ao trabalho feminino, verificou-se que, nos dois grupos, as mulheres possuem forte identificação com padrões tradicionais do que seja o lugar social da mulher, relacionado ao casamento, à maternidade e a uma postura de cuidado e dedicação à casa e à família e, especialmente à maternidade. Estes aspectos aparecem de maneira ainda mais forte entre aquelas que trabalham em casa, para as quais estas funções estão presentes ao longo de todo o dia, sobrepostas às atividades de costura. Os papéis de esposa e mãe não parece algo que elas possam negar exercer, mas como um requisito essencial para que, inclusive, se percebam como mulheres.

Considerações Finais

Este trabalho teve como objetivo conhecer o trabalho de mulheres (faccionistas e empreendedoras) que vivem em um pequeno município produtor de moda íntima no Norte de Minas, buscando identificar questões relacionadas ao trabalho feminino.

Aos estudos sobre trabalho feminino, no campo da Administração, esta pesquisa contribui ao colocar em perspectiva discussões como conflito trabalho-família, divisão sexual do trabalho e as questões da mulher trabalhadora contemporânea. Ao jogar luz a uma

experiência fora dos grandes centros e das empresas tradicionais, vê-se uma outra relação com a maternidade, com a conquista de independência e com a percepção do que seja o lugar social da mulher.

Logo, a relevância desse estudo está primeiro em discutir a realidade de dois grupos: trabalho domiciliar feminino autônomo (faccionistas) e o trabalho realizado por mulheres empreendedoras, o que não tem sido plenamente observado no contexto acadêmico. Além disso, aprofundar na realidade de um contexto geográfico e socioeconômico com problemáticas específicas.

Às pesquisas futuras, sugere-se aprofundar a investigação sobre o dia a dia das mulheres que trabalham em casa, além de explorar outros aspectos relacionados aos padrões sociais aos quais as mulheres estão submetidas e o impacto do trabalho dessas mulheres na reconfiguração social, tanto em termos privados e relações conjugais, quanto em relação ao fomento à economia local, incentivando a criação de políticas públicas e outras iniciativas de estímulo e fomento à sua atividade produtiva. Também se sugere a realização de estudos com empreendedores do sexo masculino e com homens que trabalhem em domicílio, de modo a possibilitar comparativos e a identificação de outras questões ligadas ou não ao gênero.

Referências

- Antunes, C. V., Carvalho Neto, A. M., Lima-Souza, E. C. P., & Mota-Santos, C. M. (2018). O que eles pensam sobre elas? Representações sociais da mulher executiva. *Revista Alcance*, 25 (3), 349–365.
- Araújo, A. M. C., & Amorim, E. R. A. (2002). Redes de subcontratação e trabalho a domicílio na indústria de confecção: um estudo na região de campinas. *Cadernos Pagu [Online]*, 17–18, 267–310
- Azevedo, M. C.(2007). A mulher no mercado de trabalho brasileiro. In: ENGPR 2007 – I ENCONTRO DE GESTÃO DE PESSOAS E RELAÇÕES DE TRABALHO, 2007, Natal. Anais... Natal: I Encontro da GPR. CD-ROM.
- Barbosa, F. C., Carvalho, C. F. de, Simões, G. M. de M., & Teixeira, R. M. (2011). Empreendedorismo feminino e estilo de gestão feminina: estudo de casos múltiplos com empreendedoras na cidade de Aracajú – Sergipe. *Rmpe - Faccamp*, 5(2), 124–141.
- Bardin, L. (2012). *Análise de conteúdo*. São Paulo. Edições 70.
- Boris, E. (2014). Produção e reprodução, casa e trabalho. *Tempo Social - Regista de Sociologia Da USP*, 26(1).

- Bourdieu, P. (2010). *A dominação masculina*. Original: *La domination masculine*, 1998. Tradução Maria Helena Kuhner, 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Brandão, A. M., Marques, A. P., & Lamela, R. (2019). Gênero, empreendedorismo e autonomização profissional. *Revista Eletrônica Gestão e Sociedade*, 13(35), 2963–2991. <https://doi.org/10.21171/ges.v13i35.2529>
- Carvalho, T. B. (2005). Trabalho produtivo a domicílio e trabalho reprodutivo doméstico em Marechal Cândido Rondon (PR): horizontalização do capital e as novas expressões da dinâmica territorial do trabalho precarizado feminino no século XXI. *Revista Pegada*, 6(2), 85-100.
- Carvalho, T. B. (2012). A descentralização da produção por meio do trabalho domiciliar em Terra Roxa/PR. *Revista Pegada*, 10(1), 79-93.
- Carvalho, T. B., & Thomaz Júnior, A. (2012). O trabalho domiciliar das mulheres em Terra Roxa/PR: o caracol reencontra sua concha. *Revista Pegada* 13(1). 4-21.
- Cramer, L., Cappelle, M. C. A., Andrade, Á. L. S., & Brito, M. J. de. (2012). Representações femininas da ação empreendedora: uma análise da trajetória das mulheres no mundo dos negócios. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, 1(1), 53–71.
- Davies, A. R., & Frink, B. D. (2014). The origins of the ideal worker: The separation of work and home in the United States from the market revolution to 1950. *Work and Occupations*, 41(1), 18-39.
- Durham, Eunice R. (1983). Família e reprodução humana. In: Durham, Eunice R. et al. *Perspectivas antropológicas da mulher* 3. Rio de Janeiro: Zahar.
- Eisenhardt, K. M. (1989). Building Theories from Case Study Research. *Academy of Management Review*, 14(4), 532-550.
- Eisenhardt, K. M., & Graebner, M. E. (2007). Theory building from cases: Opportunities and challenges. *Academy of management journal*. *Academy of Management Journal*, 50(1), 25–32.
- Enoque, A. G., Borges, A. F., & Saraiva, L. A. S. (2015). “Minha casa, meu trabalho...”: trabalho domiciliar na indústria de confecções de Goiás. *Teoria e Prática Em Administração*, 5(1), 130–158.
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2012). Mulheres e suas histórias: razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *RAC - Revista de Administração Contemporânea*, 17(1), 398–417.
- Ferreira, J. B., Sadiyama, A. S. P., Correia, A. F. C., & Gomes, P. A. T. de P. (2015). Diversidade e gênero no contexto organizacional: um estudo bibliométrico. *Revista Gestão e Secretariado (GeSec)*, São Paulo, SP, 12(1), jan./abr., 2021, p. 205-230.

- Ferreira, L., Silva, A., Silva, D., & Sousa, T. (2017). Mulheres em cargos de gerência e os desafios em conciliar vidas pessoal e profissional: um estudo em hotéis de São Luís-MA, Brasil. *Turismo & Desenvolvimento*, 2279–2289.
- Fleck, A. C.; Wagner, A. (2003). A mulher como a principal provedora do sustento econômico familiar. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 8, p. 31-38.
- Frasquete, D. R., & Simili, I. (2017). G. A moda e as mulheres: as práticas de costura e o trabalho feminino no Brasil nos anos 1950 e 1960. *História da Educação*, 21(53), 267-283.
- Gomes, A. F., Santana, W. G. P., & Araújo, U. P. (2009). Empreendedorismo feminino: o estado-da-arte. In *XXXIII Encontro da Anpad* (pp. 1–16). São Paulo.
- Guiraldelli, R. (2012). Adeus à divisão sexual do trabalho?: desigualdade de gênero na cadeia produtiva da confecção. *Sociedade e Estado*, 27(3), 709–732. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922012000300014>
- Guppy, N.; Sakumoto, L., & Wilkes, R. (2019). Social Change and the Gendered Division of Household Labor in Canada. *Canadian Review of Sociology/Revue Canadienne de Sociologie*, v. 56, n. 2, p. 178-203.
- Gupta, V. K., Turban, D. B., Wasti, S. A., & Sikdar, A. (2009). The role of gender stereotypes in perceptions of entrepreneurs and intentions to become an entrepreneur. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 33(2), 397–417. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00296.x>
- Greenhaus, J. H., & Beutell, N. J. (1985). Sources of conflict between work and family roles. *The Academy of Management Review*, 10(1), 76–88.
- Holzmann, L. Divisão social do trabalho. (2002). In.: *Dicionário crítico sobre trabalho e tecnologia*. Rio de Janeiro: Vozes, p. 84-87.
- IDENE/SUDENE. (2013). PESI - NNE - Plano estratégico de integração do Norte e Nordeste de Minas Gerais. Belo Horizonte.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2018). *Brasil em Síntese*. Rio de Janeiro. Retrieved from <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/taiobeiras/panorama>
- Jablonski, B. (2010). A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento. *Psicologia: Ciência e Profissão*, v. 30, n. 2, p. 262-275.
- Jablonski, B. (2007). O cotidiano do casamento contemporâneo: a difícil e conflitiva divisão de tarefas e responsabilidades entre homens e mulheres. *Família e Casal: Saúde, Trabalho e Modos de Vinculação*, p. 203-228.

- Jazar, F. W., Ferreira, J. M., Rese, N., & Miliorini, L. K. (2013). O significado de ser mulher e empreendedora da área rural no Brasil. In *XL Encontro Da Anpad* (pp 1–16).
- Johnson, S. K., Murphy, S. E., Zewdie, S., & Reichard, R. J. (2008). The strong, sensitive type: effects of gender stereotypes and leadership prototypes on the evaluation of male and female leaders. *Organizational Behavior And Human Decision Processes*, 106 (1), 39–60. <https://doi.org/10.1016/j.obhdp.2007.12.002>
- Jonathan, E. G. (2005). Mulheres empreendedoras: medos, conquistas e qualidade de vida. *Psicologia Em Estudo*, 10(3), 373–382.
- Kergoat, D. (2009). Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: Hirata, H. et al. (orgs.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP.
- Lavinas, L., Sorj, B., Barsted, L. L., & Jorge, A. (2000). Trabalho a domicílio: novas formas de contratualidade. *Texto para discussão nº 177*. Rio de Janeiro: IPEA.
- Lima, G. S., Carvalho Neto, A. M., Lima, M. S., Tanure, B., & Versiani, F. (2014). O teto de vidro das executivas brasileiras. *Revista Pretexto*, 14(4), 65–80.
- Lima, G. S., Lima, M. S., & Tanure, B. (2009). Os desafios da carreira da mulher executiva no Brasil. *II Encontro de Gestão de Pessoas e Relações de Trabalho*, 1–15.
- Losada, B. L. ; Rocha-Coutinho, M. L. (2007). Redefinindo o significado da atividade profissional para as mulheres: o caso das pequenas empresarias. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 3, p. 493-502, set/dez.
- Machado, H. V. (2006). Expressão emocional no exercício da atividade empreendedora por mulheres. *Organização & Sociedade*, 13(38), 59-72.
- Melo, F. L. N. B., & Silva, Rafael Rodrigues; Almeida, T. N. V. (2019). Gênero e empreendedorismo: um estudo comparativo entre as abordagens causation e effectuation. *Brazilian Business Review*. 16(3), 273-296
- Menezes, R. S. S., Oliveira, J. L.; & Diniz, A. P. R. (2013) Simbolismos de gênero e gestão: uma análise das feminilidades de executivas brasileiras. *Revista de Gestão e Secretariado – Gesec*, São Paulo, v.4, n.1, p. 01-22, jan/jun.
- Mota-Santos, C. M. (2012). As mulheres brasileiras: do espaço privado da casa para as posições executivas nas organizações brasileiras. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
- Mota-Santos, C. M., Carvalho Neto, A. M., Caeiro, M., Versiani, F., & Martins, M. G. (2016). As mulheres estão quebrando as três paredes de vidro? Um estudo com empreendedoras mineiras. *E&G Economia e Gestão*, 16(45), 126-149.

- Mota-Santos, C. M., Tanure, B., & Carvalho Neto, A. M. (2014). Mulheres executivas brasileiras: o teto de vidro em questão. *RAD - Revista Administração Em Diálogo*, 16(3), 56–75.
- Mota-Santos, C. M., Tanure, B., & Carvalho Neto, A. M. (2015). Fatores que interferem no crescimento das mulheres profissionais nas organizações: entre o prazer e a culpa. In Andrade, Juliana Oliveira Carvalho Neto, Antônio Moreira (org). *Mulheres profissionais e suas carreiras sem censura - estudos sob diferentes abordagens*. São Paulo: Atlas.
- Mota-Santos, C., Neto, A. C., Oliveira, P., & Andrade, J. (2019). Enforcing the social contribution of gender: the qualified female public servant versus the female executive, 53(1), 101–123.
- Neves, M. de A. (2006). Trabalho e gênero: permanências e desafios. *Sociedade e Cultura*, 9(2), 257–266.
- Neves, M. de A., & Pedrosa, C. M. (2007). Gênero, flexibilidade e precarização: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Sociedade e Estado*, 22(1), 11–34.
- Nunes, J. H. (2006). Precarização, trabalho doméstico e trabalho domiciliar no setor de confecções em Goiânia. *30º Encontro Anual da ANPOCS*.
- Oliveira, A. R., Gaio, L. E., & Bonacim, C. A. G. (2009, October 14). Relações de gênero e ascensão feminina no ambiente organizacional: um ensaio teórico. *Revista de Administração Da UFSM*, 2(1), 80–97
- Rocha-Coutinho, M. L. (1999). Behind Curtains and Closed Doors: Brazilian Women in Family Relations. *Feminism & Psychology*, 9(3), 373–380.
- Ridder, H., Hoon, C., & Mccandless, A. (2009). The theoretical contribution of case study research to the field of strategy and management. *Research Methodology in Strategy and Management* (Vol. 5).
- Santos, H. B., Fernandes, T., & Mantovani, D. M. N. (2016). A inclinação do casal ante as demandas de carreira e família: o que revela os dados da pesquisa nacional por amostra de domicílio (PNDA). *XL Enanpad*, 1–20.
- Silva, J. V. A. (2006). A relação trabalho e família de mulheres empreendedoras. *Revista Perspectivas Contemporaneas*, 1(1), 1–18.
- Souza, C. N (2010). Interface entre associação, administração pública e divisão sexual do trabalho. *APGS*, Viçosa, v.2, n.4, pp.65-84, out/dez.
- Souza, A. C. M. B. M., Sá, R. G. Q., & Lemos, A. H. C. (2019). Em Busca do Equilíbrio: O Debate Atual sobre o Conflito Trabalho-Família nos Periódicos Científicos Brasileiros. *Revista de Gestão e Secretariado*, 10(3), 89-113.

- Vergara, S. C. (2005). Métodos de pesquisa em administração. São Paulo: Atlas.
- Vinuto, J. (2014). A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. *Temáticas*, 22(44).
- Whetten, D. A. (David A., & Godfrey, P. C. (1998). Identity in organizations: building theory through conversations. Sage Publications.
- Yin, R. K. (1981). The Case Study Crisis: Some answers. *Administrative Science Quarterly*, 26. Pp. 58-65

Submetido em: 24.06.2020

Aceito em: 19.10.2020